



A Condição Sensível da Experiência de Pesquisa em Tempos de Pandemia

Sensitive Condition of the Tesearch Experience During the Pandemic

Samanta Borges Pereira¹
José Kennedy Lopes Silva²
Flávia Naves³

Resumo

A eclosão da pandemia da covid-19 exigiu diversas readequações da vida cotidiana e do trabalho, incluindo redefinições de percursos de pesquisas em andamento. Para pesquisadores que precisavam realizar aproximações e interações com os sujeitos do campo, essas mudanças também envolveram acomodações de âmbito emocional e ético. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é discutir a experiência de pesquisa de dois doutorandos durante o isolamento. Recorremos aos conceitos de temas sensíveis, condição sensível e experiência, para construir o referencial teórico e a metodologia da duoetnografia para a produção de informações e construção do diálogo. A análise de narrativas permitiu organizar a trama das experiências vividas pelos doutorandos durante a pandemia, revelando que as expectativas, as frustrações e a perda de sentido não são externalidades, mas parte da experiência de pesquisa. O reconhecimento da condição humana do pesquisador ajudou a compreender a condição sensível da experiência de pesquisa.

Palavras-chave: Experiência de Pesquisa. Pandemia. Temas sensíveis. Condição sensível. Duoetnografia.

Abstract

The outbreak of the covid-19 pandemic required several readjustments of daily life and work, including redefining the paths of ongoing research. For researchers who needed to make approximations and interactions with field subjects, these changes also involved emotional and ethical accommodations. In this sense, the objective of this article is to discuss the research experience of two doctoral students during isolation. We use the concepts of sensitive themes, sensitive conditions, and experience to build the theoretical framework and methodology of the duoethnography for the production of information and the construction of dialogue. The analysis of narratives allowed organizing the plot of the experiences lived by the doctoral students during the pandemic, revealing that expectations, frustrations, and loss of meaning are not externalities but part of the research experience. The recognition of the researcher's human condition helped to understand the sensitive condition of the research experience.

Keywords: Research Experience. Pandemic. Sensitive topics. Sensitive condition. Duoethnography.

1 Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (PPGA-UFLA). Professor do Departamento Acadêmico de Administração da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

3 Professora da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Pesquisadora e coordenadora do Laboratório de Estudos Transdisciplinares (LETRA).

1 INTRODUÇÃO

A produção de uma tese é um processo exaustivo, independente do contexto em que se desenvolva. As escolhas de pesquisa – tema, objeto, sujeitos, métodos – e as opções dos caminhos que se deseja seguir são “extremamente demandantes quando realizadas de forma rigorosa” (ALCADIPANI, 2011, p. 346). Em um contexto de pandemia, esse processo se agrava: há uma sobrecarga física, mental e emocional que dificulta ainda mais a concentração (JARRETT, 2020) e dedicação a essa atividade significativamente complexa.

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a covid-19 como uma doença pandêmica e determinou o isolamento social como uma das principais medidas de contenção das contaminações (OPAS, 2020). Fomos obrigados a nos adaptar a um novo cenário (JARRETT, 2020), convivendo com o medo da morte, do desemprego, do avanço da mortalidade, sobretudo nas regiões periféricas, com a instabilidade política, ou seja, a pandemia trouxe repercussões de todas as ordens, que afetaram a vida individual e coletiva, incluindo nosso trabalho como pesquisadores.

Quando as pesquisas partem da necessidade de desenvolver uma relação profunda e sensível com os sujeitos pesquisados, pesquisadores se veem obrigados a lidar tanto com aspectos concretos – tais como a readequação do projeto – quanto com elementos emocionais, morais e éticos. Esses dilemas, vivenciados por dois dos autores desse trabalho, levaram à construção deste artigo, que se orientou pela seguinte pergunta: como a pandemia e o isolamento social influenciaram as experiências sensíveis de pesquisa desses doutorandos?

Os pesquisadores estavam prestes a entrar em campo quando a pandemia eclodiu. Suas pesquisas dependiam da construção de uma relação muito próxima com os sujeitos investigados, sendo essa relação impossibilitada pela necessidade de isolamento. A mudança nos caminhos das teses provocou uma série de impasses que levaram os doutorandos a repensar suas próprias concepções sobre o processo de pesquisa.

Partimos das definições sobre temas sensíveis (SIEBER; STANLEY, 1988; LEE; RENZETTI, 1993; DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007; DÍAS FERNÁNDES *et al.*, 2012), incorporando os conceitos de experiência de Bondía (2002) e condição sensível de Haroche (2008) para discorrer sobre a condição sensível da experiência de pesquisa, diante de um contexto que penetra a consciência ética de quem pesquisa (ROMERO, 2008).

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é discutir a condição sensível da experiência de pesquisa de dois doutorandos de Administração que estavam desenvolvendo suas teses durante o isolamento social imposto pela pandemia da covid-19. As informações foram produzidas por meio da duoetnografia¹ (SAWYER; NORRIS, 2015) e apresentadas com base na análise de narrativas.

Como contribuição, apresentamos um novo olhar para discutir e estimular o debate sobre a prática de pesquisa como experiência que nos transpassa (BONDÍA, 2002), não nos deixa imune (ALCADIPANI; CEPellos, 2017), nos sensibiliza e nos transforma (BONDÍA, 2002; HAROCHE, 2008) enquanto pesquisadores. Além das lições sobre como enfrentar as adversidades inerentes às pesquisas com temas sensíveis, como apresentaram Alcadipani e Cepellos (2017), consideramos relevante para o campo da Administração se atentar para a experiência de pesquisa como objeto a ser investigado, teorizando sobre essas adversidades, a partir da compreensão sobre a condição sensível das experiências de pesquisa, que não se restringe ao tema, mas às formas escolhidas para nos conduzir no processo de pesquisa.

2 TEMAS SENSÍVEIS DE PESQUISA: APRENDIZADOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO

O tema da sensibilidade tem sido abordado na pesquisa científica como um recorte temático. O desenho de um projeto de pesquisa com temáticas sensíveis exige tomar consciência da magnitude das implicações de investigações dessa natureza, respondendo a um conjunto de desafios, que vai desde o acesso e a relação com os sujeitos no campo até os aspectos afetivos e emocionais que irão emergir desse processo, revelando sua complexidade.

Lee e Renzetti (1993) entendem que os temas sensíveis são aqueles que podem acarretar consequências psicológicas decorrentes do desenvolvimento da pesquisa e que apresentam desafios que podem colocar em risco a relação investigador-investigado. Os autores nomeiam algumas áreas que podem ser mais ameaçadoras, tais como estudos que abordem: (i) a esfera privada e a experiência pessoal de forma mais aprofundada; (ii) questões relacionadas com desvio e controle social; (iii) questões de poder que podem envolver dinâmicas de coerção e dominação; (iv) algo que é considerado sagrado pelos investigados e que não pode ser profanado.

Sieber e Stanley (1988) consideram como sensíveis as pesquisas cujos resultados podem provocar consequências para os participantes da pesquisa, incluindo aqueles indivíduos que não participaram da pesquisa, mas que podem ter suas vidas afetadas por essas descobertas. Para Díaz Fernández *et al.* (2012), uma temática sensível pode ser definida pela delicadeza do tipo de informação ou, ainda, pelo incômodo provocado no entrevistado,

1 A duoetnografia é uma autoetnografia dialógica que descreve como duas ou mais pessoas experienciam um mesmo fenômeno e constroem significados (SAWYER; NORRIS, 2015).

pelas perguntas formuladas. Os autores atentam para o caráter sensível de qualquer pesquisa nas Ciências Sociais, considerando que serão extraídas informações que antes não eram visíveis e parte da vida privada e pessoal de uma pessoa será revelada.

Pérez-Tarres *et al.* (2019) relataram as circunstâncias no trabalho de campo que provocaram uma tomada de consciência e produziram sensibilização na equipe de pesquisadores: dificuldades de acesso aos participantes, os silêncios, as evasivas ou reticências de falar sobre determinados temas, a dor, o medo das represálias ou a grande necessidade de anonimato, os impactos emocionais durante e depois das entrevistas e os reflexos dessas situações nos resultados do trabalho.

Condomines e Hennequin (2014) identificaram algumas pesquisas sobre temas sensíveis no campo da Administração, incluindo trabalhos sobre etnicidade em marketing, fracasso na empresa, comportamento desviante em negociações, conflitos no trabalho, riscos psicossociais, suicídio no trabalho, assédio psicológico, tabus no marketing, delinquência empresarial, corrupção, entre outros.

Em sua pesquisa sobre respostas emocionais à mudança organizacional, Saunders e Thornhill (2017) forneceram orientações instrutivas sobre a utilização de métodos mistos simultâneos baseados no conceito de “dessensibilização” com o intuito de conduzir à maior franqueza do entrevistado. Na mesma linha, ao pesquisar consumo erótico, Walther (2012) explicitou a aplicação da técnica projetiva de videoelicitação para contornar entraves e resistências durante as entrevistas.

Ambos utilizaram técnicas para alcançar os resultados, mas com perspectivas diferentes sobre os efeitos das técnicas nas respostas. Para Saunders e Thornhill (2017), os métodos mistos utilizados visaram “dessensibilizar” os entrevistados para evitar a contaminação das informações, aumentando sua validade e confiabilidade. Já para Walther (2012), as técnicas utilizadas tinham a intenção de fazer revelar as emoções para conseguir maior profundidade e qualidade dos depoimentos.

Distanciamos-nos da perspectiva de Saunders e Thornhill (2017), que acreditam que não sensibilizar os entrevistados leva a respostas mais fidedignas, e nos aproximamos da visão de Walther (2012) sobre a capacidade de conseguir maior profundidade ao fazer emergir as emoções, com a diferença de que a nossa pesquisa se propõe a pensar a sensibilização da perspectiva do pesquisador.

Alcadipani e Cepellos (2017) apresentaram algumas lições aprendidas com a prática de pesquisa com temas sensíveis. Na experiência de Cepellos sobre envelhecimento de executivas, a sensibilidade do tema exigiu um cuidado emocional, por parte da pesquisadora, nas interações no trabalho de campo. A pesquisa de Alcadipani, em uma organização policial militar, trouxe consequências para o pesquisador após o encerramento do envolvimento com a organização. Comentários do pesquisador a respeito da instituição foram considerados ofensivos por alguns de seus membros e geraram intimidações e ameaças.

A análise de Dickson-Swift *et al.* (2007) sobre a experiência de trinta pesquisadores qualitativos no campo da saúde revelou alguns desafios que emergem do envolvimento dos pesquisadores, tais como a construção do relacionamento e a utilização de compartilhamento de histórias e reciprocidade nesse processo, o afloramento de sentimento de culpa e vulnerabilidade e a exaustão do pesquisador.

Considerando que não há uma definição limitante sobre quais são os temas sensíveis, a sensibilidade na pesquisa pode permear diversos recortes de investigação. Nesse sentido, propomos pensar a pesquisa na perspectiva da experiência sensível, na qual a sensibilidade se relaciona não apenas com os temas, mas principalmente, com a maneira com que o pesquisador constrói sua relação com os sujeitos da investigação e que antecede a pesquisa de campo. Discutiremos, então, a condição sensível da experiência de pesquisa na seção seguinte.

3 A CONDIÇÃO SENSÍVEL DA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

O pesquisador que se compromete a estudar vidas humanas precisa enfrentar os sentimentos humanos e compreender os afetos gerados no desenvolvimento de suas pesquisas (ELY *et al.*, 1991). É preciso não nos esquecermos da necessidade de ser humano para fazer esse tipo de pesquisa, no sentido de reconhecer-nos como pesquisadores humanos, trazendo para esse processo a nossa capacidade de direcionar cuidado uns dos outros (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007). A pandemia nos fez perceber que cuidar de nós é cuidar do outro.

Para Romero (2008), experiências de pesquisa que abordem vivências de dor e sofrimento demandam uma ética da escuta, na qual o pesquisador é invadido pela dor alheia. Entretanto, o autor aponta que não se trata de uma posição resultante de uma reflexão posterior à finalização da pesquisa, mas uma postura prévia, um ponto de partida para esse encontro, que penetra a consciência de quem ouve. Bondía (2002) entende essa invasão da vida do outro em nós como experiência, ou seja, aquilo que nos (trans)passa, que nos acontece, que nos toca.

Essa experiência está cada vez mais rara por falta de tempo, porque tudo se passa depressa demais e todo acontecimento foi reduzido a um estímulo instantâneo (BONDÍA, 2002). A sociedade contemporânea nos impõe o imediato, o que impossibilita o exercício da consciência e afasta a possibilidade de perceber, olhar e ouvir distintamente (HAROCHE, 2008), limitando as nossas experiências e a nossa capacidade de perceber experiências.

Haroche (2008) examina a condição sensível das sociedades contemporâneas e questiona a própria capacidade de sentir em meio à imposição do instantâneo e do imediato. Para a autora, a condição sensível se refere ao que os sentidos, a sensibilidade e os sentimentos geram de ético e de estético em nossas escolhas públicas e privadas. Dentre essas escolhas, podemos incluir aquelas que fazemos como pesquisadores, nas quais os sentidos, a sensibilidade e os sentimentos tendem a ser frequentemente ignorados.

Inspirados nas reflexões e proposições de Bondía (2002) e Haroche (2008), propomos pensar o processo de pesquisa e de produção de conhecimento a partir da articulação entre experiência e condição sensível, o que implica pensar a posição do sujeito pesquisador nesse processo.

O sujeito da experiência não se define por sua atividade (BONDÍA, 2002), entendida como agir de modo incessante, sempre tentando se adaptar ao movimento contínuo, submetendo-se a ele (HAROCHE, 2008), mas pela sua passividade, advinda da paixão e de padecimento (BONDÍA, 2002). O sujeito da experiência também é um sujeito “ex-posto”, que assume a vulnerabilidade e o risco que essa exposição impõe (BONDÍA, 2002).

Por se posicionar como um sujeito exposto, aberto, vulnerável, o sujeito da experiência é modificado e transformado pela experiência, seja pelo aprendizado de um novo conhecimento, por um ensinamento de vida ou por uma lição amarga (JAY, 2009). Bondía (2002) afirma que o saber da experiência se configura como uma maneira de estar no mundo, que é tanto ética (modo de conduzir-se) quanto estética (um estilo).

De uma perspectiva científica, argumentamos que os avanços acontecem à medida que o saber da experiência é valorizado e construído, o que implica que o sujeito-pesquisador aceite e reconheça a subjetividade inerente ao processo de pesquisa e a insira nesse processo. Para a discussão pautada neste artigo, a condição sensível da experiência de pesquisa se refere ao modo que os pesquisadores conduziram suas pesquisas e as maneiras de expressar as escolhas estabelecidas por eles nesse processo, à medida que se permitiram ser transpassados e transformados por essa experiência.

A experiência é o que nos permite dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (BONDÍA, 2002). A condição sensível é uma posição de partida para pensar a experiência de pesquisa que se estabelece antes mesmo do trabalho de campo e se desenrola durante e após essa etapa. Perceber a experiência, captá-la e discuti-la são os desafios. Na próxima seção, descreveremos o percurso metodológico construído para isso.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e é orientada por epistemologia construtivista, ou seja, acreditamos, assim como Saccol (2009), que o conhecimento é o resultado da criação de significados construídos na interação entre o sujeito que produz conhecimento e o mundo. Assumimos, assim, a subjetividade como inerente à pesquisa e ao pesquisador.

A produção de informações ocorreu por meio de duas fontes: (i) o diálogo entre dois doutorandos sobre suas dificuldades e frustrações com suas teses; (ii) os relatos autoetnográficos²/duoetnográficos sobre suas experiências de pesquisa de doutorado e as nuances dessas pesquisas no contexto da pandemia da covid-19.

O diálogo aconteceu pelo WhatsApp no dia 12 de janeiro de 2021 e foi transcrito na íntegra, totalizando três páginas. O aplicativo WhatsApp é uma ferramenta gratuita de troca de mensagens e chamadas (WHATSAPP, 2021). A utilização do aplicativo aproxima essa investigação das discussões sobre pesquisas híbridas nas Ciências Sociais, com a incorporação das tecnociências no fazer científico, compreendendo a relação dialética entre tecnologia e sociedade (SIQUEIRA; MEDEIROS, 2010).

Os relatos autoetnográficos/duoetnográficos foram produzidos entre os dias 13 e 28 de janeiro de 2021, a partir de anotações diversas que os doutorandos realizaram durante a produção das teses e do esforço de reflexão sobre soluções para as limitações impostas pela pandemia, totalizando 21 páginas.

A duoetnografia é uma autoetnografia dialógica que descreve como duas ou mais pessoas experienciam um mesmo fenômeno e constroem significados (SAWYER; NORRIS, 2015). Este tipo de relato reconhece que as histórias pessoais devem ser lidas não como relatos autocentrados, mas como um “trampolim para uma compreensão maior” (FORTIN, 2009, p. 38) das infinitas experiências de pesquisa, ainda que elementos autobiográficos estejam presentes no método autoetnográfico (SANTOS; BIANCALANA, 2017).

A terceira autora desse artigo compartilhou, como professora e como orientadora, parte dos processos de atravessamento e ressignificações dos doutorandos e contribuiu para a análise e interpretação das narrativas, trazendo um olhar externo, levantando questões e dialogando com os pesquisadores sobre as experiências narradas. Optamos por escrever as análises na terceira pessoa, considerando que se trata da experiência de dois dos autores, mas analisadas pelos três pesquisadores.

Para assegurar a integridade da revisão cega por pares, mas identificar os fragmentos referentes a cada experiência, utilizamos os termos “Pesquisadora-autora 1” e “Pesquisador-autor 2”. O diálogo e os relatos autoetnográficos foram

2 A autoetnografia é um caminho metodológico que busca valorizar a experiência de pesquisadores através da descrição e análise sistemática dos aspectos do contexto ao qual pertence ou em que participa (SANTOS; BIANCALANA, 2017).

averiguados pela análise de narrativas, apoiados nas conexões frequentes entre os vários elementos das narrativas, construindo uma trama, que se inicia com uma situação estável – a produção da tese – e que foi perturbada por uma força que causa desequilíbrio – a pandemia – e se restabeleceu por uma nova força – os novos sentidos da pesquisa (CZARNIAWSKA, 2000) –, reconstruindo as experiências sensíveis de pesquisa no contexto da pandemia.

As categorias que orientaram as análises emergiram das próprias narrativas e foram organizadas em quatro eixos: a) expectativas para a realização da pesquisa; b) a pandemia e perda do sentido da pesquisa; c) ausência de interlocução e apoio; d) novos sentidos da pesquisa.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Antes de analisar e discutir as condições sensíveis das experiências de pesquisa da Pesquisadora-autora 1 e do Pesquisador-autor 2, é relevante apresentar o contexto e a situação das teses antes do início da pandemia. As pesquisas fazem parte do campo trans/inter/multidisciplinar dos Estudos Organizacionais³ e o processo de doutoramento se iniciou em março de 2018.

Desde o início desse processo, a Pesquisadora-autora 1 fez diversas mudanças com relação ao objeto de pesquisa e, em agosto de 2019, começou a desenvolver um projeto sobre as estratégias de resistência das mulheres do Congado⁴. Em outubro desse mesmo ano, ela já tinha feito uma visita de campo e conseguido outras três indicações de possíveis entrevistadas para dar continuidade à pesquisa.

Para o Pesquisador-autor 2, a tese passou por algumas mudanças entre 2018 e 2019, mas a intenção de vivenciar e desenvolver a pesquisa com os povos da Amazônia esteve sempre presente no horizonte. Em janeiro de 2020, ele iniciou o contato com lideranças de movimentos sociais da região e agendou uma conversa com o coordenador do movimento dos sem-terra para articular a pesquisa de campo. Também já tinham ocorrido conversas iniciais com órgãos do governo estadual de Rondônia e professores de instituições de ensino superior do estado, o que permitiu as primeiras conexões com as comunidades.

Mesmo após o surgimento da pandemia no Brasil, em março de 2020, os doutorandos alimentavam a possibilidade de realizar a pesquisa de campo, pois a circunstância era incerta e havia a expectativa/esperança de que a situação se resolvesse. Eles qualificaram seus projetos de doutorado entre agosto e outubro de 2020. Entretanto, o avanço e a gravidade da pandemia levaram a Pesquisadora-autora 1 a abandonar por completo a pesquisa com as mulheres do Congado e o Pesquisador-autor 2 a abrir mão da vivência com os sujeitos no/do campo.

Os doutorandos planejavam executar suas pesquisas junto com os sujeitos do campo, com os quais já se sentiam comprometidos. Ou seja, eles construíram, ao longo do processo de tese e nos primeiros contatos com o campo, a consciência da condição sensível desse trabalho (PÉREZ-TARRES *et al.*, 2019). A ideia de construir as pesquisas em diálogo com os sujeitos e o compromisso social com eles e com os resultados da pesquisa são os elementos principais que expressam a condição sensível da experiência dessas pesquisas.

A pandemia passou a compor o cenário dessa experiência sensível de pesquisa. Se por um lado, ela agravou a condição de vulnerabilidade e provocou a necessidade de redirecionamento dos caminhos das teses, por outro, ela provocou uma interrupção que suspendeu os automatismos e permitiu pensar e falar sobre essas experiências, levando os pesquisadores a serem transpassados por ela (BONDÍA, 2002). Esse processo, no entanto, foi muitas vezes doloroso e outras vezes reconfortante, mas sempre intenso, como será discutido a seguir.

5.1 Expectativas para a realização da pesquisa

Ao iniciarem os diálogos sobre seus projetos de doutorado e o andamento de suas pesquisas durante o isolamento, os pesquisadores faziam reflexões sobre as trajetórias que os levaram a desenhar as pesquisas que estavam desenvolvendo. Esses diálogos-reflexões trouxeram à tona as expectativas que os pesquisadores tinham sobre o desenrolar de suas pesquisas quando iniciaram o doutorado, conforme excertos que seguem:

Quando entrei no programa, eu achava que eu sabia exatamente o que eu queria pesquisar. Eu me dediquei ao projeto que foi submetido, depois mantive os sujeitos de pesquisa, mas alterei o campo teórico. Depois mudei de projeto, tema, sujeitos, teoria. Dada às dificuldades de entrada no campo, tive que abandonar a proposta. Um novo projeto, novas leituras, novo contexto. Três projetos entre março de 2018 e setembro de 2020. Mas uma coisa permanece: eu acredito na realização de uma pesquisa que faça sentido para quem é investigada/o e para quem investiga e na possibilidade de fazer da pesquisa mais um elemento de transformação. (Pesquisadora-autora 1).

3 Para mais informações sobre o campo dos Estudos Organizacionais, acesse: <http://www.sbeo.org.br/web/>

4 O Congado é uma manifestação cultural caracterizada pela sua dança, música e devoção, resultado da luta dos povos africanos pela manutenção de sua história, cultura e religiosidade e da resistência do povo negro no Brasil.

A ideia de realizar uma pesquisa na Amazônia sempre foi meu desejo, desde quando decidi fazer o doutorado. Essa vontade se deu por diversos fatores: nasci na Amazônia e sou professor em uma universidade pública da Amazônia. As diversas “amazônias” sempre estiveram presentes na minha formação. Estudar a Amazônia junto aos amazônidas seria um modo de contribuir social e politicamente com a região e retribuir as oportunidades que tive e que foram subsidiadas por ela. O gentílico “amazônida” carrega o sentido de identidade e pertencimento à cultura da Amazônia. Eu queria aprender a minha história ao construir laços com os povos amazônidas. (Pesquisador-autor 2).

As narrativas mostram a prevalência de valores que orientam e motivam os pesquisadores e que antecedem o contexto da pandemia: uma pesquisa que faça sentido tanto para pesquisadores quanto para os sujeitos do campo e que contribua para mudanças nos espaços pesquisados. Assim se manifestam o desejo, os valores e a vontade dos doutorandos, elementos normalmente desprezados no processo, mas que estão sempre permeando as escolhas da pesquisa.

As subjetividades dos pesquisadores e dos pesquisados não são negadas, mas assumidas, de antemão: os envolvimento e afetos prévios e o desejo de aprofundar esses afetos e afetações. Na experiência sensível de pesquisa, o pesquisador reconhece a sua subjetividade – suas intenções, seus desejos, suas inseguranças – condição que ajuda a estabelecer diálogos mais francos com os sujeitos da pesquisa.

Essa condição sensível compõe um conjunto de valores dos doutorandos e antecede à escolha dos temas. Essa posição permanece orientando os rumos das investigações, pois se trata de um princípio ético que supera os protocolos rígidos e formais e se vincula ao compromisso do pesquisador em assumir um percurso metodologicamente honesto (FAHIE, 2014). Nesse sentido, o senso de responsabilidade e honestidade são princípios de partida, que existem antes da pesquisa (e da pandemia) e que se mantêm em vigília durante todo o processo.

As narrativas informam ainda sobre compromissos que os doutorandos sentem e assumem em relação à contribuição social para os contextos nos quais realizam a pesquisa (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007), que emergem como motivação, mas também se configuram como pesos extras na trajetória dos pesquisadores. Quando o Pesquisador-autor 2 relata: “Eu queria aprender a minha história ao construir laços com os povos amazônidas”, é interessante notar os imbricamentos entre as motivações, emoções e sentimentos em relação à realização da pesquisa.

A vontade de se conhecer a partir da relação com os sujeitos do campo pode ser compreendida pela condição sensível de pesquisa como mais uma possibilidade de transformação, para além das transformações dos contextos dos sujeitos do campo, mas a transformação do sujeito pesquisador – um dos sujeitos dessa experiência – como consequência da própria pesquisa, considerando que a experiência sensível “nos transpassa e nos transforma” (BONDÍA, 2002).

Havia muita expectativa sobre a aproximação com as comunidades envolvidas nos projetos de tese. A realização de um trabalho de campo era essencial e refletia, em certo sentido, a percepção de uma pesquisa que se articula com o mundo, com pessoas. Não uma pesquisa sobre essas pessoas, mas com elas, estabelecendo os devidos protagonismos em todo o processo.

Em setembro de 2019 iniciei um novo projeto, sobre a participação das mulheres em uma manifestação cultural de Minas Gerais. Eu mergulhei nesse projeto e, em outubro do mesmo ano, eu já tinha feito uma visita de campo e conseguido outros três nomes de mulheres para entrevistar. Eu estava ansiosa para construir essa relação e cheia de ideias para trocar com elas. (Pesquisadora-autora 1). Em dezembro de 2019 tive a última reunião do ano com o orientador, que eu considerava muito importante, pois eu passaria os próximos meses construindo a tese. Saí de lá animado com a possibilidade de, finalmente, colocar o pé numa parte das várias “amazônias” que compõe a Amazônia brasileira. No início de 2020, por intermédio de uma colega pesquisadora, consegui conversar com o coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que se mostrou muito receptivo e me apresentou a possibilidade de realizar a pesquisa em dois assentamentos rurais. (Pesquisador-autor 2).

Ansiedade, animação, confiança são aspectos que aparecem nas narrativas sobre a condução das teses de doutorado. Esses sentimentos revelam, simultaneamente, expectativas e consequências das experiências de pesquisa, dos diálogos e acordos com os sujeitos de pesquisa. Para Haroche (2008), é necessário o aprofundamento dos acontecimentos para conferir sentido a eles. À medida que a tese se desenrolava, novos sentidos surgiam, condições objetivas se estabeleciam, mas novas dúvidas também apareciam, compondo uma dinâmica objetiva-subjetiva da experiência sensível de pesquisa.

A dúvida é uma condição fundamental da experiência sensível de pesquisa. As incertezas são as condições que permitem a “abertura para o desconhecido” e a possibilidade de aprender o que ainda não se sabe. Os doutorandos queriam aprofundar as relações, envolver-se com as comunidades, aprender e contribuir com elas. Eram essas condições que davam sentido aos projetos de pesquisa.

5.2 A pandemia e a perda do sentido da pesquisa

A pandemia da covid-19 e a necessidade de isolamento social alteraram a vida em todas as dimensões. Foi necessário se adaptar aos protocolos sanitários, contribuindo para o controle da proliferação do vírus e para o avanço da doença, restringindo drasticamente o contato físico com outras pessoas. Isolar-se e se adaptar a novas formas de viver foi imprescindível e, inevitavelmente, as teses tiveram de mudar. Mas essas mudanças não abarcavam somente alterações no projeto. Elas impactaram profundamente o sentido da pesquisa para os doutorandos.

Nos primeiros dias da pandemia eu estava tranquila e me dediquei às leituras. Eu passei o segundo semestre de 2019 sozinha e pensei que não seria muito diferente. De repente, eu paralisei. As pessoas estavam morrendo de covid, de fome, de negligência. Eu tinha casa, comida e água limpa e sentia vergonha disso. Tinha vergonha de ter como maior preocupação uma tese de doutorado. Eu tinha taquicardia e passei muitas noites sem dormir. Quando tive que abandonar o projeto mais uma vez, além da pressão do tempo, eu me preocupava em não atrapalhar uma relação que tinha acabado de começar. Ela tinha me recebido na sua casa e eu não poderia mais contar sua história. Eu senti o peso de criar alguma expectativa nela e decepcioná-la. Nada estava fazendo sentido. (Pesquisadora-autora 1).

Uma inquietude moral me assolava (e assola): eu estava protegido, mas pessoas que dão sentido à minha pesquisa estavam e estão lutando pela vida em comunidades desassistidas pelo Estado. Como prosseguir com a pesquisa? Mas como abrir mão do contato e do aprendizado com essas populações? Eu não deveria estar na linha de frente, auxiliando essas populações nos diversos problemas sociais e econômicos gerados pela pandemia e que os expuseram desumanamente? Concentrar-me para as leituras e escrita da tese tornou-se um fardo. Cada amazônida que morre coloca em dúvida o sentido da pesquisa. (Pesquisador-autor 2).

A intensidade da experiência sensível de pesquisa se tornou ainda maior com a pandemia e surge na narrativa por meio de sintomas como inquietação e insônia. Desenvolver uma pesquisa no contexto pandêmico aumenta os riscos de exaustão física e emocional, os quais estão atrelados também ao sentimento de culpa dos pesquisadores (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007). A culpa aflora quando a Pesquisadora-autora 1 e o Pesquisador-autor 2 comparam suas situações privilegiadas àquelas dos sujeitos do campo, que enfrentam maiores dificuldades. Há culpa por desejar fazer a pesquisa, por ter como prioridade uma tese, enquanto vidas – inclusive daqueles que seriam seus interlocutores no trabalho de campo – se perdem.

Uma crise ética se instalou na vida dos doutorandos, como se os propósitos do trabalho deles tivessem se transformado numa traição às pessoas (LOFLAND; LOFLAND, 1995) e que, apesar de todo o seu compromisso, eles estivessem usando pessoas para fins de pesquisa (ETHERINGTON, 1996). A literatura menciona a exaustão decorrente do contato com os sujeitos de pesquisa e após esse momento. Na experiência dos doutorandos, não se tratou de uma exaustão resultado do contato direto com o campo, mas consequência das preocupações e inquietudes que emergiram do/no contexto da pandemia, sobre o futuro e as possibilidades de realização do trabalho.

A condição sensível de pesquisa se reafirma na medida em que tais preocupações, que reforçam o compromisso e a responsabilidade dos pesquisadores, são resultado de um receio de “dessensibilizar-se”, de se tornar insensível, imune (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007), negando a experiência. Para Ahmad (2020), é importante não estarem em negação, porque nenhuma pessoa sã consegue se sentir bem em uma situação de catástrofe e deve agradecer pelo desconforto sentido.

Se pesquisadores e sujeitos de pesquisa são humanos e a pesquisa é uma experiência humana, então a dor é uma possibilidade assumida na perspectiva da experiência sensível de pesquisa. Bondía (2002) entende que o sujeito da experiência é um sujeito sofredor, do contrário, seria um sujeito inatingível. A dor sem sujeito é impensável. Na experiência sensível de pesquisa, pesquisador e pesquisado são sujeitos, portanto, os sujeitos da pesquisa sentem dor, o que faz da experiência de pesquisa também uma experiência dolorosa, como revelaram as narrativas.

Dessa experiência dolorosa emergiram sentimentos de culpa, frustração, impotência e perda de sentido. Os doutorandos sentiram uma incapacidade duplicada: de não poder ajudar e de não poder realizar a pesquisa. A pesquisa era a possibilidade de contribuição social. Se ela foi inviabilizada, a contribuição também foi.

5.3 Ausência de interlocução e apoio

O isolamento social pode provocar efeitos desoladores. Ahmad (2020) explica que o primeiro estágio de uma catástrofe é tentar garantir a segurança que depende, dentre outros fatores, da manutenção de uma rede de conexões sociais para não ficar sozinho. A autora aponta que a ausência dessa estrutura emocional pode se tornar um desafio esmagador.

Na produção de conhecimento, as dinâmicas da reflexão e do pensamento demandam diálogos e trocas, que são fundamentais para a ampliação do olhar, para conseguir definir e redefinir caminhos e para conseguir ver o que não se consegue ver sozinho. O isolamento interrompeu essas trocas, em um momento em que sentimentos profundos e desestabilizantes se instalaram na vida dos pesquisadores, conforme excertos que seguem:

Eu sabia que estava difícil pra todo mundo e eu não queria incomodar ninguém. Eu lia muita coisa, tinha muitas ideias, parecia que fazia sentido. Mas quando eu sentava na frente do computador, não saía nada. Virava a madrugada no computador, mas não conseguia sair do lugar. Eu tive crises de ansiedade intensas no início da pandemia e achei que me isolar era a melhor saída. Fiquei uns seis meses sem falar com uma grande amiga, alguém que eu falava todo dia, que era uma grande parceira de ideias. Eu me sentia sufocada, com muita vontade de conversar com alguém, de compartilhar as ideias que passavam pela minha cabeça. Mas eu não conseguia abrir espaço para ninguém. Eu precisei primeiro de ajuda profissional, pra depois retomar minhas relações sociais. (Pesquisadora-autora 1). O isolamento social interferiu nas possibilidades de diálogo sobre a pesquisa. Sinto falta de falar sobre a pesquisa, de conversar com os colegas do programa sobre o trabalho. A interlocução é muito importante no meu processo de reflexão da tese e a ausência dela impactou diretamente na escrita do projeto. Participei de uma reunião do grupo de pesquisa e pude conversar com os colegas, ouvi-os sobre suas pesquisas, falar sobre a minha, seus progressos e dificuldades. Essa conversa me deixou mais animado para continuar e finalizar o projeto de qualificação. (Pesquisador-autor 2).

As narrativas mostram como a impossibilidade de diálogos no contexto do isolamento social causou um bloqueio no desenvolvimento das pesquisas e na qualidade de vida dos doutorandos. Tal impossibilidade se deu em função das restrições impostas pelas medidas de controle da pandemia, mas também pela perda de sentido da pesquisa, discutida anteriormente. Os pesquisadores se sentiam inibidos em falar sobre suas pesquisas com outras pessoas, mesmo que virtualmente, já que aquele assunto não parecia ser a prioridade na vida de pessoas que os cercavam naquele momento e a ausência de comunicação atravancava suas teses ainda mais.

O compartilhamento de histórias pessoais e a reciprocidade são condições sensíveis que contribuem para aprofundar a compreensão dos contextos estudados (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007). O isolamento dificultou o acesso aos congressos, grupos de pesquisas, colegas, que são fundamentais no processo de construção de conhecimento, por possibilitarem trocas e reflexões que arejam o pensamento e podem resultar em novas ideias e caminhos que ajudam a enfrentar os desafios inerentes à construção de uma tese. A pesquisa também é um processo de aprendizagem, sobretudo para doutorandos. E para aprender, é preciso ser capaz de aprender o que não sabe (HAROCHE, 2008), o que acontece nos diálogos, nas trocas, nas interações sociais.

Dada a condição sensível dessas pesquisas, redes de apoio informais, com possibilidades de diálogos e aconselhamentos com colegas e amigos de confiança (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007), ou reuniões dos grupos de pesquisa, para dialogar e sentir o tema estudado, são fundamentais (RAMÍREZ-PEREIRA, 2017) e se mostraram importantes na narrativa do Pesquisador-autor 2. A experiência demanda cultivar “a arte do encontro” para falar sobre o que acontece com ambos os interlocutores (BONDÍA, 2002), ainda que a possibilidade do encontro tenha ocorrido virtualmente.

Para a Pesquisadora-autora 1, o enclausuramento e o sofrimento foram tão profundos que foi preciso procurar ajuda profissional. Dickson-Swift *et al.* (2007) atentam para a necessidade de previsão orçamentária nos projetos de pesquisa, com vistas a garantir a segurança física e psicológica dos pesquisadores. Porém, esse tipo de apoio profissional não é uma realidade para o pesquisador brasileiro. A possibilidade de acesso a um terapeuta vem carregada de culpa, sobretudo no contexto da pandemia. Muitas pessoas morrem todos os dias sem acesso a recursos básicos e esse tipo de apoio parece irrelevante diante de um cenário tão vulnerável.

Os doutorandos se sentiam sozinhos, mas sabiam que era importante tomar iniciativa para enfrentarem essa situação. A condição sensível dessa experiência também se deu no (re)conhecimento da solidão, ao se sentirem atravessados pela ausência de relações. A posição inicial de construir coletivamente suas teses se resignificou nesse processo: se não era mais possível construir junto com os sujeitos do campo, abriu-se a possibilidade de dialogar e refletir junto daqueles que estavam mais próximos e que se abriram para essa troca.

A compreensão de construção conjunta da pesquisa se amplia quando se reconhece que colegas e amigos que compartilham experiências e conhecimentos também podem se tornar sujeitos da experiência sensível de pesquisa, que é sempre uma experiência de relação com o outro (BONDÍA, 2002). Ressalta-se que os diálogos restabelecidos em janeiro de 2021 entre Pesquisadora-autora 1 e Pesquisador-autor 2 foram fundamentais para retomarem e refletirem seus valores e compromissos iniciais, bem como para reformularem seus projetos de tese.

5.4 Novos sentidos da pesquisa

Ao mesmo tempo em que a pesquisa e a possibilidade de aproximação e diálogo com os sujeitos do campo foram inviabilizados, a contribuição possível da própria pesquisa foi ressignificada no contexto da pandemia. Garantidas as condições de segurança, a vida cotidiana começou a ficar mais estável e o trabalho foi fazendo mais sentido (AHMAD, 2020), graças aos apoios e trocas recebidos, depois de um momento de dor e solidão.

O apoio de uma terapeuta, de minha orientadora e de meu companheiro foram o meu esteio. Passei a reconhecer que não dava pra transformar o mundo, mas era possível fazer uma pesquisa digna, dentro dos limites de transformação que cabe a uma tese, dentro dos meus limites nas condições da pandemia. Decidi pesquisar a própria experiência de pesquisadores que lidaram com suas pesquisas de maneira sensível. As novas leituras foram me ensinando, me formando, me ajudando a me conhecer e isso foi expandindo o meu senso de propósito. Eu voltei a ter prazer com a tese. Senti profunda gratidão e reconheci – agora com menos culpa – o privilégio de poder viver uma experiência como essa. Eu dei ao tempo o respeito que ele merecia. Eu tinha muita vida e energia pra fazer parte de outros projetos no futuro. Mas eu queria viver melhor aquele (este) momento presente, de viver minha experiência de pesquisa, com as alegrias e as dores que ela nos apresenta. (Pesquisadora-autora 1). As sugestões da banca de qualificação, juntamente com diálogos com o orientador ajudaram na decisão sobre os novos rumos do projeto. Irei entrevistar líderes das comunidades amazônicas por meio digital e realizar análise documental das mídias e organizações ambientalistas. Meu desejo de pesquisar a Amazônia junto aos amazônicos é adiado. Mas há uma vida a ser vivida como cientista e cidadão amazônico. É muito relevante durante o processo de construção da tese criar laços, aprender com os sujeitos, reencontrar a minha história de amazônica com os povos amazônicos. Esse (re) encontro foi o que alimentou a minha escolha de pesquisa e não faz sentido para mim pesquisar outro campo. A reaproximação com essa Amazônia é que nutre a minha vida como professor universitário, é o que dá sentido às minhas atividades acadêmicas. (Pesquisador-autor 2).

O tempo, a reflexão e a acomodação dos sentimentos e emoções foram tornando a situação mais confortável para desfazer ou refazer o que estava sendo feito e novas ideias foram surgindo (AHMAD, 2020). Como escreve Bondía (2002), o sujeito da experiência se define por sua receptividade, disponibilidade, abertura, aceitação.

A aceitação é um elemento importante das narrativas, pois permitiu a compreensão de que a tese, os sujeitos, os problemas das comunidades, o doutorado, o compromisso dos pesquisadores são coisas distintas, ainda que articuladas. E a dimensão do tempo, compreendida para além do imediatismo (HAROCHE, 2008) de uma tese de doutorado, com o respeito que o tempo merece, como relata a Pesquisadora-autora 1, contribuiu para a construção de novos sentidos para os doutorandos e para a tese. Com os devidos apoios, abriram-se para outras possibilidades de pesquisar, sem deixar de lado os princípios que davam sentido às suas experiências de pesquisa, resgatando o senso de propósito (ALCADIPANI; CEPellos, 2017).

Foi necessário aceitar as múltiplas limitações impostas pelo entrecruzamento entre pesquisa de doutorado e pandemia: a inacessibilidade aos sujeitos de pesquisa; a restrição do tempo para a conclusão da pesquisa, cada vez mais curto; as insuficiências dos próprios pesquisadores, como seres humanos vivendo essa realidade; e os próprios limites e capacidades da tese para a transformação. Reconhecendo esses limites como inerentes à experiência sensível de pesquisa, amplia-se a própria compreensão sobre experiência de pesquisa, que não se encerra com a conclusão da tese.

O sentimento de prazer com a pesquisa retornou à vida da Pesquisadora-autora 1, enquanto a culpa era dissipada. As experiências vividas pelos doutorandos durante a pandemia, num tempo alterado, ponderam acontecimentos e expectativas. Para além da tese, o Pesquisador-autor 2 redescobre que “há uma vida a ser vivida como cientista e cidadão amazônico”. Isso não significa que o doutorado e a tese não tenham valor, mas que eles têm importância dentro de um contexto concreto da vida.

A experiência sensível de pesquisa também é um processo de autorrevelação (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007) e requer uma amálgama de conhecimentos, emoções conscientes, sentimentos, compromisso, honestidade, sensibilidade com o outro e compaixão consigo mesmo (RAMÍREZ-PEREIRA, 2017), que transformam a forma de ser, estar e se inter-relacionar no mundo.

A experiência sensível de pesquisa os transpassa, os atravessa e os transforma como pesquisadores. Ahmad (2020) acredita que as transformações humanas depois da pandemia serão sinceras, cruas, feias, esperançosas, frustrantes e mais lentas do que se está acostumado. Os doutorandos ainda seguem com inquietações e algum sofrimento, assim como aconselha Ahmad (2020), buscando deixar que essa tragédia permita demolir falsas suposições e dê coragem para construir algo novo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As condições sensíveis de pesquisa perpassam diversas nuances que influenciam a vida dos pesquisadores. No caso aqui relatado, ocorreram fatos inéditos e inesperados na vida de dois doutorandos: a pandemia e o isolamento social acarretaram novas experiências no processo de construção de suas teses.

As experiências de pesquisa, discutidas neste artigo, evidenciaram as expectativas com relação à pesquisa de campo e os sentimentos que emergiram quando não foi mais possível continuar a pesquisa planejada. A condição sensível das experiências de pesquisa revelou a maneira com que os doutorandos idealizaram e foram (re)construindo suas pesquisas de tese, se (trans)formando como pesquisadores. As inquietações e frustrações foram ressignificadas e incorporadas aos processos de pesquisa.

Compreende-se, então, que os imprevistos estão sempre presentes nas pesquisas, independente de um contexto pandêmico. Nesse sentido, consideramos que compreender a pesquisa da perspectiva da experiência sensível – aceitando que os novos caminhos traçados para lidar com o inesperado não são externalidades, mas fazem parte da pesquisa – pode ajudar o pesquisador a lidar melhor com os descaminhos e frustrações que surgirão nesse processo.

O exercício reflexivo a partir da produção do relato autoetnográfico, além de fonte de informações, foi também um processo autorrevelador. Ele ajudou os doutorandos a repensar novos caminhos para as pesquisas e a reconhecer que as culpas, angústias, improdutividade e preocupação com os sujeitos de pesquisa, com suas dores e suas lutas, não os faziam pesquisadores menos competentes, mas os tornavam mais humanos. Daí a importância de não ignorar sentidos, sensibilidade e sentimentos no processo de pesquisa.

Na prática da pesquisa, sugerimos, principalmente aos jovens pesquisadores, que façam uso do relato autoetnográfico como um instrumento de autorreflexão, pois em condições de pesquisa em que o elemento emocional está muito presente, as ideias podem se dissipar no fluxo das emoções. O processo de escrita exige um tempo mais lento que pode ajudar a organizar o campo do pensamento, diminuindo a ansiedade, trazendo mais conforto e contribuindo para uma melhor fluidez desse processo.

A solidão foi um elemento marcante nessa experiência – considerando a necessidade de isolamento –, mas ela não é um sentimento exclusivo do período da pandemia. O processo de pesquisa exige momentos de introspecção e solitude/solidão, mas a experiência sensível de pesquisa não deve ser uma travessia solitária, porque a experiência existe na relação com o outro e é nessa relação que o aprendizado acontece.

Diante disso, a busca pelo apoio não deve ficar restrita às iniciativas individuais dos pesquisadores. É fundamental que os programas de pós-graduação organizem espaços de discussão não apenas para debates sobre os projetos, mas para trocas sobre sentimentos, sentidos e perdas de sentidos. Compartilhar experiências pode ajudar a reorganizar emoções e práticas de pesquisa, pois permite perceber que essas dificuldades fazem parte da condição humana.

A condição sensível da experiência de pesquisa transcende o *lôcus* ou o tema, antecede a relação com os sujeitos do campo e se desenrola nas demais etapas da investigação e da vida do pesquisador. Ela é ponto de partida e posição ético-política que estabelece um modo de conceber e realizar a pesquisa e as interações com os sujeitos do campo. Essa posição exige de nós, pesquisadores, um movimento reflexivo permanente na prática de pesquisa, em uma perspectiva ética do cuidado – dos outros e de nós mesmos.

Em síntese, compreender essas experiências em forma de narrativas, ajudou-nos a pensar os desafios do fazer científico numa sociedade com mudanças aceleradas. Dentro dessa concepção, a pesquisa em si não se restringe à experiência de campo. Essa compreensão nos revelou uma perspectiva mais ampla do que é pesquisar: a pesquisa parte de uma posição de nos permitirmos afetar e sermos afetado, de cuidado com o outro, que antecede a relação com os sujeitos, mas é condição para essa relação. Essa experiência não se encerra com a conclusão do projeto, mas toma novas formas, a partir das relações estabelecidas, dos aprendizados compartilhados e das transformações provocadas.

Não é possível, pois, seguir com a vida e com as pesquisas como se nada tivesse acontecido. A resposta emocional mais saudável é nos prepararmos para sermos mudados para sempre (AHMAD, 2020), inclusive mudando as formas de compreender a pesquisa e de pesquisar. As afetações, o desejo de cuidar e ser cuidado e as transformações revelam não um humano pesquisador, mas um pesquisador humano.

REFERÊNCIAS

AHMAD, Aisha S. Quarentena: porque você deveria ignorar toda a pressão para ser produtivo agora. Tradução: Renato Pincelli. *Medium*, 11 abr. 2020. Disponível em: [Link](#). Acesso em 05.02.2021. Acesso em: 08 fev. 2021.

ALCADIPANI, Rafael. Academia e a fábrica de sardinhas. *Organizações & Sociedade*, [S.l.], v. 18 n. 57, p. 345-348, abr.-jun. 2011. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 08 mar. 2021.

ALCADIPANI, Rafael; CEPellos, Vanessa Martines. Pesquisas sensíveis em Administração e organizações: práticas edesafios. *Administração: ensino e pesquisa*, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 421–441, maio/ago. 2017. DOI: [10.13058/raep.2017.v18n2.680](#)

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: [10.1590/S1413-24782002000100003](https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003)
- CONDOMINES, Bérangère; HENNEQUIN, Emilie. Studying sensitive issues: the contributions of a mixed approach. **RIMHE**, [S.l.], v. 2, n. 14, p. 3-19, nov./dec. 2014. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 09 mar. 2021.
- CZARNIAWSKA, Barbara. The uses of narrative in organization research. **rapport nr.: GRI reports**, Gothenburg, Sweden, n. 5 p. 39, 2000. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 21 mar. 2022.
- DÍAZ FERNÁNDEZ, Antonio Manuel *et al.* **Guía para investigar temas sensibles**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2012.
- DICKSON-SWIFT, Virginia *et al.* Doing sensitive research: what challenges do qualitative researchers face? **Qualitative Research**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 327–353, 2007. DOI: [10.1177/1468794107078515](https://doi.org/10.1177/1468794107078515)
- ELY, Margot *et al.* **Doing qualitative research: circles within circles**. London: Falmer Press, 1991.
- ETHERINGTON, Kim. The counsellor as researcher: boundary issues and critical dilemmas. **British Journal of Guidance and Counselling**, [S.l.], n. 24, p. 339–46, 1996. DOI: [10.1080/03069889608253018](https://doi.org/10.1080/03069889608253018)
- FAHIE, Declan. Doing sensitive research sensitively: ethical and methodological issues in researching workplace bullying. **International Journal of Qualitative Methods**, [S.l.], p. 19-36, v. 13, 2014. DOI: [10.1177/160940691401300108](https://doi.org/10.1177/160940691401300108)
- FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, [S.l.], n. 7, p. 77-88, 2009. DOI: [10.22456/2236-3254.11961](https://doi.org/10.22456/2236-3254.11961)
- HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- JARRETT, Christian. Como a teoria da carga cognitiva ajuda a explicar por que algumas coisas estão demorando mais para serem feitas durante a pandemia de Covid-19. **BBC News Brasil**, São Paulo, 19 dez. 2020. Seção Geral. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 08 fev. 2021.
- JAY, Martin. **Cantos de experiencia: variaciones modernas sobre un tema universal**. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- LEE, Raymond M.; RENZETTI, Claire M. The problems of researching sensitive topics. An overview and introduction. In: RENZETTI, Claire M.; LEE, Raymond M. (ed.). **Researching sensitive topics**. London: Sage Focus Edition, 1993. p. 3-13.
- LOFLAND, John; LOFLAND, Lyn H. **Analyzing social settings: a guide to qualitative observation and analysis**. Belmont: Wadsworth Publishing, 1995.
- OPAS. Folha informativa sobre COVID-19. **Organização Pan-Americana**, Brasil, 08 de maio de 2020. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 04 mar. 2021.
- PÉREZ-TARRES, Alicia *et al.* Consideraciones metodológicas sobre investigaciones sensibles en metodología cualitativa. **Psicología: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 39, n. especial 2, p. 112-124, 2019. DOI: [10.1590/1982-3703003225746](https://doi.org/10.1590/1982-3703003225746)
- RAMÍREZ-PEREIRA, Mirliana. Metodologías cualitativas de lo sensible en contextos de salud pública. **Enfermería: Cuidados Humanizados**, [S.l.], v. 6, n. especial, p. 25-30, oct. 2017. DOI: [10.22235/ech.v6iespecial.1447](https://doi.org/10.22235/ech.v6iespecial.1447)
- ROMERO, Juan Pablo Aranguren. El investigador ante lo indecible y lo inenarrable (una ética de la escucha). **Nómadas**, [S.l.], n. 29, p. 20-33, oct. 2008. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 08 mar. 2021.
- SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 09 mar. 2021.
- SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a

pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, [S./], v. 7, n. 2, p. 83-93, 2017. DOI: [10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63](https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63)

SAUNDERS, Mark Nk; THORNHILL, Adrian. Researching sensitively without sensitizing: using a card sort in a concurrent mixed methods design to research trust and distrust. **International Journal of Multiple Research Approaches**, [S./], v. 5, n. 3, p. 334-350, dec. 2011. DOI: [10.5172/mra.2011.5.3.334](https://doi.org/10.5172/mra.2011.5.3.334)

SAWYER, Richard; NORRIS, Joe. Duoethnography: a retrospective 10 years after. **International Review of Qualitative Research**, [S./], v. 8, p. 1-4, 2015. DOI: [10.1525/irqr.2015.8.1.1](https://doi.org/10.1525/irqr.2015.8.1.1)

SIEBER, Joan E.; STANLEY, Benjamin. Ethical and professional dimensions of socially sensitive research. **American Psychologist**, [S./], n. 43, p. 49-55, 1988. DOI: [10.1037/0003-066X.43.1.49](https://doi.org/10.1037/0003-066X.43.1.49)

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves; MEDEIROS, Márcio Felipe Salles. Tecnologias Híbridas e as Ciências Sociais: questionando divisões e fragmentações. *In*: ESOCITE, 2, 2010, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2010. v. 1.

WALTHER, Luciana Castello da Costa Leme. A videoelicitação como técnica projetiva para a pesquisa de tópicos sensíveis em Marketing – entrevistando mulheres sobre consumo erótico. *In*: ENANPAD, 36, 2012. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012, p. 1-15. Disponível em: [Link](#). Acesso em 04 mar. 2021.

WHATSAPP. **Sobre o WhatsApp**. [202?]. Disponível em: [Link](#). Acesso em: 21 out. 2021.

Contato:

Samanta Borges Pereira
E-mail: samantaborges81@gmail.com

José Kennedy Lopes Silva
E-mail: kennedysilv@gmail.com

Flávia Naves
E-mail: flanaves@ufla.br

Submetido em: 14/03/2021

Revisado em: 19/10/2021

Aprovado em: 23/11/2021